

# A pressão da cultura inflacionária

ÁLVARO DE SÁ

O presidente vai inaugurando uma coerência entre discurso e prática administrativa. Parece que fez campanha eleitoral prometendo, para cumprir, e suas falas estão se tornando crônicas do cotidiano futuro. Sintoniza a imagem, a Oratória e o fato, tentando ativar a matriz social estacionada ainda no traumático quinquênio 60/65, apesar dos avanços gerais.



Não é de estranhar que ultrapasse a barreira do som ou ande de jet ski: projeta-se a partir do amanhã, clamando por uma revisão geral das mentalidades no gesto ousado, metáfora do chamamento para mudanças. Com toda a vontade, luta contra a inflação. Acertou ao dizer-se ministro da Economia e ao escolher auxiliares transparentes ao desejo obstinado de estabilizar a moeda e abolir o socialismo cartorial, e acerta ao invadir a mídia, na tentativa de sacudir as idéias pela via do imaginário social.

Contudo, em todas as áreas as configurações culturais reagem, atraídas pela aventura que leva à inflação.

As indústrias sofreram enorme queda de produção e conseqüente desescalagem econômica. Diminuições do ritmo produtivo trazem juntamente com a ociosidade o aumento dos custos unitários do produto, a serem compensados por

novas condições operacionais e atuações agressivas de marketing. Todavia, a imobilização cultural pressiona a indústria a remarcar preços para que a receita se mantenha, apesar do menor número de unidades fabricadas. Dispensando as medidas de contenção, jogam fortemente a favor da inflação.

O sistema financeiro, cevado em decênios de privilégio cartorial e nas benesses dos juros exorbitantes, sustentados por um Estado falido, não soube, nem quis, se tornar capaz de trabalhar a taxas de juros internacionalmente satisfatórias. Em vez disso, vem cobrando até 30% (reais) ao mês e, como juros são custos embutidos em todo o ciclo produtivo, exercem uma força enorme na alta dos preços. Vale dizer, na inflação.

Os líderes sindicais, em ano de eleição, esquecem suas bandeiras históricas de livre negociação — indiscutivelmente, em quaisquer condições, o melhor meio de fixar salários. E coagem um Legislativo fraco a votar leis que regulamentem aumentos acima dos índices reais. Ser líder com proteção estatal, cobertura da mídia, imposto auto-estipulado e espírito corporativo, não serve à Nação, mas dá votos. Marchar para greves políticas e para reivindicações demagógicas leva ao recrutamento da inflação, mas atende à lógica cultural do peleguismo de roupa nova.

A estrutura do Estado cria obstáculos ao corte de despesas.

**A estrutura  
do Estado cria  
obstáculos  
ao corte  
de despesas**

Com desfaçatez, se nomeiam aos milhares — entra gente sem concurso, entra parente, entre afilhado político. É notório o descalabro na frequência e na produtividade dos serviços públicos federal, estaduais e municipais. Porém, na hora de diminuir uma parte desse exagero, as corporações funcionais se defendem para manter privilégios, evitar demissões, até quando o funcionário vai ser premiado com a disponibilidade. Sem cortes de despesas de custeio e de pessoal da administração direta não haverá investimentos em bem-estar social, em desenvolvimento, o déficit público será eterno. No Legislativo, representantes esbanjam em salários milionários e nomeações descontroladas. No Judiciário, as prerrogativas de usufruto das mordomias e dos altos proventos são sustentadas por todas as interpretações. No Executivo, os órgãos rebelam-se publicamente, dizendo que não farão economia. Nos Estados e municípios, nada se faz para conter os gastos.

Todos fazem vista grossa à violência com que essas condições ativam o processo inflacionário, forçando desempenhos que levam ao descontrole.

Essa avalanche cultural precisa ser contida pelos diversos agentes econômicos em sua origem. Com inflação perdem os que trabalham, perdem aqueles que, sob qualquer legenda, tenham pretensões eleitorais e perdem os empresários, que desejam resultados. Assim, não há boa intenção presidencial que dê jeito. Nem mesmo ultrapassando a barreira do som.

Álvaro de Sá é diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro